



SEÇÃO: RESENHAS

A língua da vida e a vida da língua na arquitetônica estética bakhtiniana

The language of life and the life of language in the bakhtinian aesthetic architecture

Neiva de Souza Boeno¹

orcid.org/0000-0001-9381-1467
professoraneivaboeno@hotmail.com

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. [1920-1924]. *Lendo Razlúka de Púchkin: a voz do outro na poesia lírica*. Organização, tradução, ensaio e notas de Marisol Barenco de Mello, Mario Ramos Francisco e Júnior Alan Silus. Prefácio de Augusto Ponzio. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 93 p.

Recebido em: 14 dez. 2021.

Aprovado em: 15 dez. 2021..

Publicado em: 20 abr. 2022.

O ensaio/fragmento *Lendo Razlúka de Púchkin: a voz do outro na poesia lírica*, ora publicado também em tradução portuguesa, é mais uma fonte importante para a ampliação do conhecimento e para a construção de novos sentidos acerca do trabalho científico de Mikhail Bakhtin e do seu Círculo. A partir dessa publicação, podemos mergulhar nesse mundo bakhtiniano e, assim, conhecermos mais um dos escritos dos anos em que Bakhtin vivia em Vitebsk. Esse mergulho também nos faculta compreender o constructo de sua filosofia moral e as noções teóricas não circunscritas apenas ao romance, mas também ao poema e às escolhas estilísticas que ressaltam a enunciação viva, pensada inicialmente para sua ideia de arquitetônica estética.

O título desse texto bakhtiniano, por si só, situa-nos no espaço literário da "poesia lírica", um espaço ainda pouco explorado nos estudos da linguagem a partir do viés bakhtiniano da arquitetônica, principalmente em relação ao uso do que será o "discurso indireto livre" (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]) como questão de estilística não só para as aulas de ensino de língua, a exemplo do que nos apresenta Bakhtin na obra *Questões de estilística no ensino da língua* (BAKHTIN, 2013 [1942-1945, 1994, 1997]). Nesse trabalho, Mikhail Bakhtin afirma que as "formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve sempre em conta seu significado estilístico", pois quando "isolada dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática inevitavelmente degenera em escolasticismo" (BAKHTIN, 2013 [1942-1945, 1994, 1997], p. 23). Dessa forma, em *Lendo Razlúka de Púchkin* podemos ver a semente do pensamento bakhtiniano



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Secretária de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC-MT); Secretária Municipal de Educação de Cuiabá (SME), Cuiabá, MT, Brasil.

acerca dos elementos estéticos envolvidos em uma enunciação artística e estilística.

Dado o exposto, convém pontuar que o livro *Lendo Razlúka de Púchkin* se configura como uma coletânea, tendo em seu bojo não só o ensaio/fragmento de Bakhtin traduzido (como texto principal), mas também os paratextos que enriquecem a presente obra, dos quais destacamos: o *Prefácio*, escrito pelo filósofo e Professor Emérito da Universidade de Bari, Augusto Ponzio, intitulado "Mikhail Bakhtin à escuta da voz do outro, até mesmo no gênero lírico" (PONZIO, 2021, p. 7-10); a *Introdução* (BARENCO; FRANCISCO JÚNIOR; SILUS, 2021, p. 11-34), as notas e os comentários escritos pelos tradutores Marisol Barenco de Mello, Mario Ramos Francisco Júnior e Alan Silus; e a capa artística do livro, intitulada "Nevel, ou do imprevisível", cuja autora é Fernanda Carneiro. Vale lembrar, em relação a essa arte, que se trata, como informam os tradutores, de uma homenagem a Bakhtin em diálogo com o espaço onde foi delineada a sua proposição filosófica, em 1919. Por fim, é apresentado, integralmente, o poema *Razlúka* (1830), de Aleksánder Púchkin, em três idiomas (BAKHTIN, 2021, p. 89-93): russo, italiano (tradução de Luciano e Augusto Ponzio) e português (tradução de Mario Ramos Francisco Júnior).

Ainda no que concerne a essa obra, entendemos ser possível, especialmente para os leitores de Bakhtin, dispensar a apresentação do autor, porém é sempre necessária e bem-vinda a ideia de continuarmos divulgando a sua existência e suas belas contribuições. É importante, por exemplo, registrar que Mikhail Bakhtin é conhecido por pesquisadores e interessados em sua multiplicidade dialógica (como filósofo, filólogo, crítico literário, teórico da literatura etc.) por meio de seus escritos e obras, os quais nos são apresentados graças às ricas traduções (especialmente falando das traduções para o português e para o italiano, por meio das quais aprimoramos nosso conhecimento). Como teórico da literatura, Bakhtin é conhecido por meio de seu primeiro escrito de 1919: *Arte*

e responsabilidade, que traz um esboço inicial de seu projeto de arquitetura estética e da filosofia do ato, e também pelos estudos sobre o romance (especialmente versando-se sobre a obra de Dostoiévski e de Rabelais) escritos entre os anos 1930 e 1940, os quais somente foram publicados nos anos 1970 e 1980. A propósito, é interessante lembrar que, entre tantas facetas e imagens do autor que criamos, Bakhtin – por ele mesmo – definia-se como "filósofo". Assim responde Bakhtin, nas conversações – entrevista realizada entre 22 de fevereiro e 23 de março de 1973 – quando questionado por Viktor Duvakin se ele era filólogo ou filósofo: "Filósofo, mais que filólogo. Filósofo. E assim permaneci até hoje. Sou um filósofo. Sou um pensador" (BAKHTIN, 2012 [1996], p. 45). Essa entrevista foi gravada e transcrita depois na obra *Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Viktor Duvakin* (1996).

Ainda sobre Bakhtin, por meio das biografias existentes (a exemplo da biografia escrita por Clark e Holquist, de 1984, publicada no Brasil em 2008), sabemos que ele enfrentou dificuldades econômicas e de saúde, principalmente quando saiu de Petrogrado a Nevel, e de Nevel a Vitebsk; depois a Leningrado, o exílio em Kustanai e a vida nada estável nos primeiros anos vivendo em Saransk e Savelovo. E, nesses trajetos, Bakhtin foi construindo seu Círculo de amigades, pensadores e pensadoras, que se constituía de estudantes, colegas de todas as idades, além de "ouvintes de suas palestras públicas, [...] semióticos, estruturalistas de Moscou e Tartu", além dos "principais especialistas em Dostoiévski, velhos amigos de Nevel e Leningrado e tradutores das obras de Bakhtin em uma variedade de idiomas" (DUBROVSKAYA; OSOVSKY, 2021, p. 162). Sua obra nos mostra, com efeito, um pouco desses contatos, dessa trajetória de interações e de diálogos diversos, e nos toca e nos causa sempre um impacto renovador a cada contato com suas ideias (desenvolvidas por meio de suas experiências e vivências), a cada nova leitura de uma obra sua, ou a cada novo texto que ganha vida por meio de novas traduções, em diálogo

com nosso tempo.

Nesse sentido, podemos afirmar que a obra *Lendo Razlúka de Púchkin: a voz do outro na poesia lírica* apresenta ao leitor um ensaio de Bakhtin, dos escritos de um jovem pensador no início dos anos 1920, em Vitebsk; é possível dizer, também, que se trata de um primeiro esboço do que viria a se tornar o projeto de filosofia moral – ou antropologia filosófica – e de uma frondosa raiz teórica de onde muitos conceitos bakhtinianos declinaram-se para a vida. Podemos de antemão destacar que o modo e os detalhes da análise do poema *Razlúka* realizada por Bakhtin, bem como as discussões teóricas que antecedem a análise, lançam luz às ideias do filósofo, mesmo que ainda em fase germinativa, acerca de sua visão estética.

Em *Lendo Razlúka de Púchkin: a voz do outro na poesia lírica*, uma proposição conceitual que se destaca é o de "arquitetônica", que parte da Ciência, mais especificamente do conceito de mecânica (que compreende os elementos em justaposição e sem relação ou interação entre eles), para introduzir e constituir uma estética da criação verbal. Nesse sentido, podemos articular essa discussão com o que se definiu em *Arte e responsabilidade* (BAKHTIN, 2011 [1919, 1979]), apresentando, para isso, uma possibilidade de compreensão do movimento fora do domínio da mecânica, para pensar uma arquitetônica estética e relacional. Nas palavras do autor, os

[...] três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade. Mas essa relação pode tornar-se mecânica, externa. Lamentavelmente, é o que acontece com maior frequência. O artista e o homem estão unificados em um indivíduo de forma ingênua, o mais das vezes mecânica: temporariamente o homem sai da "agitação do dia a dia" para a criação como para outro mundo "de inspiração, sons doces e orações" (BAKHTIN, 2011 [1919, 1979], p. XXXIII).

Como se viu, pudemos articular o presente ensaio/fragmento *Lendo Razlúka de Púchkin* ao primeiro escrito de Bakhtin, *Arte e responsabilidade*, haja vista estarem nesse primeiro escrito os princípios do projeto conceitual de arquitetônica

em Bakhtin; noção que foi ampliada no ensaio/fragmento aqui focalizado, justamente por apresentar uma discussão acerca da valoração das relações constituidoras de sentidos, da situação e da importância do ser humano no mundo dos acontecimentos, dos atos éticos e da atividade estética. Essa proposição arquitetônica se desenvolve – com maior profundidade discursiva – como a filosofia do ato responsável na obra *Para uma filosofia do ato responsável* (escrita também em Vitebsk, em 1920-1924, e só publicada em 1986, a partir dos manuscritos autógrafos recuperados); da mesma forma, *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-1924) é uma obra também incompleta, porém com forte abertura à compreensão responsiva de seus leitores, uma qualidade que também se atribui à presente obra: *Lendo Razlúka de Púchkin: a voz do outro na poesia lírica*.

Em *Para uma filosofia do ato responsável*, o movimento arquitetônico tem como princípio o ato ético, que entra como ideia fundamental para o desenvolvimento do dialogismo nos estudos posteriores; uma proposição que resulta das experiências e atividades intensas de Bakhtin no período de quatro anos em que viveu em Vitebsk. Essa proposição de arquitetônica, presente no ensaio/fragmento *Lendo Razlúka de Púchkin: a voz do outro na poesia lírica*, de natureza não fortuita, é a consequência da relação entre o "eu" e o "outro", convertido em um acontecimento ou evento do ser, que não implica meramente uma ação física; por isso, podemos observar o ato-sentimento, o ato-enunciação, o ato-estético, o ato-pensamento na análise desenvolvida por Bakhtin a partir do poema de Púchkin, *Razlúka* (1830); ou, como diz Bakhtin em *Lendo Razlúka de Púchkin*: "A arquitetônica – como uma disposição visualmente necessária e não aleatória, e uma ligação de partes e momentos específicos e singulares num todo completo – só é possível em torno de uma dada pessoa, o herói" (BAKHTIN, 2021 [1920-1924], p. 40). Antes dessa definição, podemos encontrar o conceito formal de arquitetônica no início (para nós, leitores) do ensaio/fragmento de Bakhtin (2021 [1920-1924]),

p. 37), a partir do qual se pode presumir que está "[...] condicionado pelo tempo de vida do pesquisador, assim como estados puramente aleatórios de materiais [...]".

Outro elemento ou princípio, já anunciado pelo professor Augusto Ponzio no *Prefácio* dessa coletânea (PONZIO, 2021, p. 7-10), é o da dialogia bakhtiniana ou, melhor dizendo, a noção da alteridade, a voz do outro (PONZIO, 2015) que se ressalta na análise estética, por meio de suas proposições teóricas até então esboçadas. Um direcionamento ao outro, que é fonte de valores, permite-nos entrever e ver a partir de, no mínimo, dois pontos de vista. A proposição que mostra é a de uma arquitetônica estética que se fundamenta no "outro", razão do ato ético (na vida) e razão essencial do ato estético na arte.

A essa relação entre arte e vida (esboçada já em *Arte e responsabilidade*, de 1919), podemos adicionar mais uma questão a respeito da arquitetônica bakhtiniana, sobre a qual, mais adiante, Bakhtin irá falar que, sem alteridade, o "valor estético" não é possível (precisa-se do outro, precisa-se de exotopia), ou seja, do ponto de vista de si mesmo, o eu para si mesmo é incapaz de afigurar-se da sua própria arquitetônica; o eu é esteticamente improdutivo, ou como foi traduzido por Paulo Bezerra: a "relação axiológica comigo mesmo é absolutamente improdutivo em termos estéticos, eu para mim sou esteticamente irreal" (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 174). Nesse todo arquitetônico, ressaltamos também o interesse de Bakhtin pela criação verbal, ou seja, Bakhtin estudou a criação verbal, aprofundando suas observações em relação à língua/linguagem não somente no texto literário, mas também observando a "vida da língua" na poesia, tal como se realiza na análise do poema *Razlúka* (1830). Notemos que essa proposição bakhtiniana se difere da proposição estética dos "formalistas", os quais colocaram a língua/linguagem poética em um outro lugar, separada da língua/linguagem cotidiana (da vida).

Nessa arquitetônica, inicialmente tecida por

Bakhtin, temos a discussão importante sobre o espaço e o tempo já com voga a pensarmos na filosofia do ato responsável (ou antropologia filosófica); destaca-se no ensaio/fragmento *Lendo Razlúka de Púchkin* a ênfase espacial, ou seja, a fundamental importância do espaço, por meio do qual se percebe e se mede o tempo, caso contrário (sem a espacialização), o tempo seria impalpável na visão estética, no mundo da arte.

Essa tensão é encontrada nos estudos posteriores de Bakhtin sobre o conceito de exotopia, que é "a condição necessária para reduzir a um único contexto formal e estético de valor os diferentes contextos que se formam em torno de uns tantos heróis (esse é o caso sobretudo no epos)" (BAKHTIN, 2021 [1920-1924], p. 46); e essa noção se amplia e se aplica na análise do poema *Razlúka*, de Púchkin. Além da convocação do conceito de exotopia, também encontramos o germe do conceito do cronótopo – compreendido como a fusão dos índices espaços-temporais em um todo concreto que será desenvolvido nas pesquisas futuras – evocado marcadamente pelas discussões de espaço e tempo muito bem enfatizados no ensaio/fragmento de Bakhtin em epígrafe.

A unidade da arquitetônica, para Bakhtin, define-se, portanto, em *Lendo Razlúka de Púchkin* não como a unidade do mundo da visão estética, ou unidade de sentido, ou unidade sistemática, mas como um todo artístico (ou unidade da arquitetônica), em que "[...] todos os elementos concretamente únicos de uma obra de arte e sua organização arquitetônica no evento artístico unificado estão situados em torno ao centro de valores do humano-herói" (BAKHTIN, 2021 [1920-1924], p. 79).

Ao focarmos um pouco mais na arquitetônica concreta do poema *Razlúka* – escrito por Púchkin em 27 de novembro de 1930, em Boldino –, observamos que Bakhtin (2021 [1920-24], p. 45) demonstra haver "dois heróis": o herói lírico (autor objetivado) e a heroína (Amalia Riznitch²), que não está identificada no poema, porém

² Conhecida por Púchkin, em 1924, na cidade de Odessa, e que da Rússia teve que retornar à Itália, onde, depois de um ano, ela morreu.

é amplamente conhecida pelos leitores e estudiosos bakhtinianos (devido a biografia do poeta e do próprio Bakhtin). Dois centros de valor a partir dos quais Bakhtin organiza os momentos básicos de valor da existência, os quais permitem "abraçar toda a arquitetônica: o valor, o tempo, o espaço, o significado" (BAKHTIN, 2021 [1920-1924], p. 45-46).

Dessa forma, os dois centros de valor – o herói e a heroína – formam um "único evento"; e, nesse movimento, há três contextos de valor que se interpenetram, regem e executam a entonação (BAKHTIN, 2021 [1920-1924], p. 47-48). E a unidade do poema (o todo artístico) está na expressão e na valoração da heroína (o outro) afigurado no contexto do herói; momento básico de orientação da proposição de Bakhtin pela alteridade, destacada pelo Professor Augusto Ponzio no *Prefácio* (que novamente ressaltamos), tanto pela reação do autor (atitude criadora) quanto pela reação do leitor.

Nesse ensaio/fragmento, Bakhtin explora a relação da entonação e dos centros de valor, associando cada momento básico (acontecimento do ser humano) à participação e reação dos heróis, ideia que será mais desenvolvida na obra *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-1924). E como se constrói o valor estético ou o sentido do poema a partir do tema da separação? Aqui, conseguimos responder se pensarmos na relação (pensada por Bakhtin) entre a reação do herói (especificamente de sua dor pela separação da amada) e a reação do autor (frente a dor do herói), afigurada pela "atitude criadora" do escritor ou "criação estética" do autor-criador. E, nessa relação autor e herói, de reação a reação, Bakhtin destaca a importância do humano na existência.

Como se perceberá em *Lendo Razlúka de Púchkin*, uma segunda palavra-chave que destacamos é a "entonação" ou ainda "estrutura entonativa" (a primeira foi "arquitetônica"); à essa noção, inicialmente, Bakhtin discute a ideia e, depois, a aplica na análise do poema *Razlúka*. Em relação à "estrutura entonativa", Bakhtin apresenta uma larga e rica reflexão sobre essa noção, afirmando que cada palavra não designa

"só um objeto, não evoca só uma imagem, não simplesmente soa", ou seja, não tem apenas um significado, "mas também exprime alguma reação emotivo-volitiva em relação ao objeto denotado [designado]" (BAKHTIN, 2021 [1920-1924], p. 54). E nessa estrutura têm-se a "imagem sonora da palavra", a qual "não apenas é portadora de ritmo, mas também é permeada pela entonação" (BAKHTIN, 2021 [1920-1924], p. 54).

Esses elementos ("entonação" e "ritmo") presentes no texto artístico – em menor ou maior grau de incidência – abarcam o todo arquitetônico da obra (ou o "todo artístico") como expressão e valoração da relação autor e herói, ou seja, a partir da reação emotivo-volitiva do autor (a expressão da "valoração do objeto no contexto do autor", nesse caso, teremos o que Bakhtin nominou de "reação formal", que corresponde à entonação e ritmo formais) ou a partir da reação emotivo-volitiva do herói (a expressão da "valoração do objeto no contexto do herói", obtendo assim uma "reação realista", a qual corresponde à entonação e ao ritmo realistas); portanto, a concepção formal de arquitetônica pensada por Bakhtin se delinea nessas discussões iniciais sobre a estrutura entonativa.

Mais adiante, Bakhtin elucida ainda mais essa questão da entonação para seguir adiante e falar sobre a "atitude criadora". Para ele, a "reação que está diretamente relacionada com o objeto, – e, portanto, a entonação da enunciação – não pode ser esteticamente produtiva, mas apenas cognitiva e ética" (BAKHTIN, 2021 [1920-1924], p. 69), de forma que para o conceito de arquitetônica em Bakhtin, o que importa compreender é a "reação estética", não filiada à categoria da identidade, mas, sim, à da alteridade, do outro, da voz outra.

Essa premissa estética continuará sendo construída nas obras posteriores de Bakhtin, a ideia em devir, e a definição de "entonação" entra na coletânea *Estética da criação verbal* (1979) como "elemento expressivo" (segundo elemento da enunciação que determina a composição e o estilo do texto), "isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante

com o conteúdo do objeto e do sentido" de sua enunciação (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 289). Nesses termos, percebemos o início das reflexões em torno da estilística em Bakhtin, em que se abarca não só a entonação e o ritmo (pela expressão e pela valoração da reação emotivo-volitiva, seja do autor, seja do herói), mas também "todos os momentos do todo artístico e todos os aspectos da palavra: imagem, objeto, conceito" (BAKHTIN, 2021 [1920-1924], p. 55).

Essa ideia acerca da estrutura entonacional (ou "entonação") também encontramos em Volóchinov (2019 [1926]), na obra intitulada *A palavra na vida e a palavra na poesia*, em que o pensador discute e reflete sobre o caráter social do texto artístico, propondo uma abordagem sociológica da estrutura artística da poesia. Essa obra foi traduzida, recentemente, para a língua portuguesa, com o título *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*, um trabalho de tradução realizado por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Nessa obra, Volóchinov considera a entonação como a "mais pura expressão" da avaliação, porque nela "a palavra entra em contato direto com a vida" e é capaz de injetar "energia da situação cotidiana para a palavra, atribuindo ao todo linguisticamente estável um movimento histórico vivo e um caráter irrepetível" (VOLÓCHINOV, 2019 [1926], p. 123).

Em relação à análise, queremos destacar a trajetória analítica de Bakhtin e passar, não impunemente, pelos elementos do todo artístico do poema *Razlúka*, largamente esmiuçados pelo filósofo, o que certamente será um deleite aos leitores bakhtinianos; esses elementos são, em breve síntese momentos objetivos (ou seja, os momentos singulares vislumbrados na arquitetura); o todo objetivo-semântico; as imagens plástico-pictóricas; a posição objetivo emotivo-volitiva do autor e do herói (e seus correspondentes de entonação e de ritmo); a composição externa; e, por fim, o tema. Todos esses elementos estão situados em torno ao "centro de valores do humano-herói" (BAKHTIN, 2021 [1920-1924], p. 79) – um gancho reflexivo para

a detecção ou percepção da nascente noção de alteridade no pensamento bakhtiniano.

É salutar o fato de Bakhtin reconhecer que *Lendo Razlúka de Púchkin* continha uma abordagem para além de seu tempo, uma novidade dentro de seu contexto biográfico, de seu tempo cronológico. Justamente por isso, afirmou com segurança que estava dando "um pequeno salto à frente", ao discutir "não só sobre o humano – centro da visão estética, mas também sobre a definição do herói e até a atitude do autor em relação a ele" (BAKHTIN, 2021 [1920-1924], p. 80). Esses elementos e noções quebram, no tempo biográfico de Bakhtin (e ainda hoje também), o paradigma da visão estética clássica; e, como potencialidade artística, trazem ao centro da discussão a questão do "ser humano como condição da possibilidade de qualquer visão estética" (BAKHTIN, 2021 [1920-1924], p. 80).

Essa potencialidade artística diz respeito à questão da reação do autor e do herói como "reação formal estética" (ou "reação estética"), que é "uma reação a reação, uma valoração da valoração" (BAKHTIN, 2021 [1920-1924], p. 87). Notemos, ainda, que a expressão de uma "reação a reação" trata-se da "reação do autor à reação do herói, isto é, cada conceito, imagem ou sujeito vive em dois planos e é compreendido em dois contextos de valores – no contexto do herói e no contexto do autor" (BAKHTIN, 2021 [1920-1924], p. 60). Nesse sentido, a "vida essencial da obra é esse evento de uma relação dinamicamente viva entre o herói e o autor" (BAKHTIN, 2021 [1920-1924], p. 60).

Por fim, não podemos deixar de exaltar a importância do trabalho efetivado nos paratextos (já citados anteriormente), e aos trabalhadores da pesquisa, nossa gratidão. Para valorar ainda mais o trabalho de excelentes pensadores e pesquisadores, reportaremos alguns destaques. O primeiro, refere-se ao prefácio amorosamente criado pelo estimado professor Augusto Ponzio. Trata-se, efetivamente, de um paratexto muito importante para a construção de novos sentidos em relação ao todo da obra, em especial (nosso destaque), em relação à análise – na forma

arquitetônica – do poema *Razlúka* sobre a perspectiva da voz outra, da escuta do outro, da escuta à alteridade na tessitura literária.

Augusto Ponzio, no início de suas pesquisas em torno da alteridade, encontrou-se com os escritos de Bakhtin (na década de 1970) e, de lá para cá, tem nos brindado com publicações diversas, as quais nos ajudam a compreender um pouco mais as noções teóricas desenvolvidas por Bakhtin, de sua “antropologia filosófica”, a ponto de ressaltar a raiz dessa proposição de movimento de perspectiva ética e estética, nominando-a de “revolução bakhtiniana”, que se torna o título de sua obra publicada pela Editora Contexto em 2008 (primeira edição em português; agora já em sua terceira edição). Essa obra foi citada – e também a postulação nominativa da visão bakhtiniana – pelo professor em seu *Prefácio para o livro Lendo Razlúka de Púchkin: a voz do outro na poesia lírica*, a qual consideramos uma obra ímpar e imprescindível para os leitores de Bakhtin, dos iniciantes aos mais experientes.

Augusto Ponzio (2009) afirma que a “revolução de Bakhtin caracteriza-se por haver mudado o ponto de referência da fenomenologia, que já não se coloca no horizonte do ‘Eu’, mas no horizonte do ‘Outro’” (PONZIO, 2009, p. 11), ou seja, Bakhtin promove uma mudança “que não só põe em discussão toda a direção da filosofia ocidental, mas também a visão de mundo dominante em nossa cultura” (PONZIO, 2009, p. 11). Nessa perspectiva, Ponzio (2009) nos assevera que a contribuição fundamental de Bakhtin, portanto, “reside na investigação das condições de possibilidade para subverter a ideologia da identidade [...], que, poderíamos dizer [...], podem permitir entrever e justificar uma lógica diferente, que se baseia na alteridade” (PONZIO, 2009, p. 12).

O filósofo italiano assunta, ainda, que essa “revolução bakhtiniana consiste em voltar a propor [...] a dialogia de uma diferença que, por sua constituição, está impossibilitada de ser indiferente ao outro” (PONZIO, 2009, p. 13). E onde Bakhtin encontrou tais formas para uma arquitetônica que exaltasse essa lógica diferente com base na alteridade? Bakhtin encontrou,

explica-nos Augusto Ponzio, “sobretudo na escritura literária, o espaço em que [...] já resulta a possibilidade de que sejam os valores da alteridade, e não os do ‘Eu’ e da identidade, os que contam, e que a palavra se apresente como completamente dialógica” (PONZIO, 2009, p. 13). Dessas reflexões (dentre outras apresentadas em suas obras), Augusto Ponzio considera que estamos “[...] diante de um humanismo da alteridade, que considera que ‘o fato primário da existência não é o ‘si mesmo’ nem o ‘para si’, mas ‘o outro’” (PONZIO, 2009, p. 215).

Retomando o prefácio intitulado “Michail Bakhtin à escuta da voz do outro, até mesmo no gênero lírico”, Augusto Ponzio, além de nos orientar e ensinar, lança-nos o convite (e o desafio) de também considerarmos as noções estéticas bakhtinianas não só em relação ao gênero romance, mas também ao gênero lírico. Compreendemos que ainda há uma lacuna sobre essa compreensão nos estudos de linguagem (ou, mais especificamente, nos estudos literários), sobretudo, argumenta o professor, em relação à “importância que tem a relação entre voz própria e voz outra no interior do romance” (PONZIO, 2009, p. 7). Assim, cremos que as reflexões, discussões, explicações e os apontamentos do professor Augusto Ponzio – presentes em sua obra e, especialmente, no “Prefácio” do livro *Lendo Razlúka de Púchkin* – inscrevem-nos em um outro patamar para o desenvolvimento da compreensão responsiva e respondente sobre a importância da voz outra na poesia lírica, ou seja, a importância e a existência da arquitetônica e da estilística na “atitude criadora” que leva em conta o discurso indireto livre “até mesmo no gênero lírico” (enunciado por Augusto Ponzio no subtítulo do “Prefácio”), como se verá pela análise do poema *Razlúka* de Púchkin, presente no ensaio/fragmento de Bakhtin.

Na arte, o *valor estético* que deve predominar é o “valor do outro”, argumenta Augusto Ponzio (2021, p. 9). Dessa forma, na lógica do escritor (reação do autor) – “e se for verdadeiramente assim, também do *ponto de vista do leitor*” (PONZIO, 2021, p. 9-10, grifo do autor) (e aqui podemos inferir,

nessa lógica ponziana, uma reação do leitor] –, o escritor consegue envolver o leitor nos eventos do personagem, tal como faz Púchkin em *Razlúka*, ao nos mostrar a separação em três pontos de vista, em uma estrutura entonacional da arquitetônica em que “mais uma vez o amor supera a morte” (PONZIO, 2021, p. 10). Essa percepção de Augusto Ponzio articula-se, em seu *Prefácio*, à citação de Bakhtin (em tom de epígrafe) inscrita na obra *Estética da criação verbal*, reportando-nos à imagem do corpo valorado na relação de amor, seja ele ágape, seja ele eros. Os destaques e reflexões ponzianas alicerçam e encorajam a aventura do leitor para o encontro com essa nova tradução, inédita em língua portuguesa, sobre os princípios basilares da filosofia moral ou antropologia filosófica constituída por Bakhtin.

Na “Introdução” do livro *Lendo Razlúka de Púchkin: a voz do outro na poesia lírica*, podemos afirmar que os tradutores realizaram uma pesquisa robusta, plena de informações, desenvolvimento de ideias, reflexões sobre o ensaio/fragmento de Bakhtin (2021 [1920-1924]), sobretudo em relação ao contexto de pertencimento desse escrito bakhtiniano e ao contexto da poética russa e do poema de Púchkin. Além disso, os tradutores tecem uma apresentação sobre poeta, autor de *Razlúka*, considerado o fundador da clássica poesia russa. Para além dessas contextualizações, os tradutores narram como foi realizado o trabalho de tradução, o que também é sempre um indicativo do esmero, daqueles que se dedicam à realização de um trabalho dessa envergadura. Nesse sentido, não falamos apenas do trabalho realizado pelos tradutores, mas também de todos os profissionais e pensadores que, direta ou indiretamente, participaram da elaboração dessa obra.

Convém sublinhar que as obras e os escritos iniciais dos anos 1920 têm como centralidade “uma poética que considere a estética da criação verbal” (BARENCO; FRANCISCO JÚNIOR; SILUS, 2021, p. 12), segundo os tradutores, bem

como a “problemática da relação entre o ser humano na vida e o ser humano na arte”, que envolve, portanto, “a centralidade do ser humano concreto, axiologicamente afirmado, no centro das esferas da ética e estética” (BARENCO; FRANCISCO JÚNIOR; SILUS, 2021, p. 11). A partir desses apontamentos, os tradutores consideram “chamar *alteridade* este princípio basilar, com toda a complexidade que envolve e aprofunda a obra de Bakhtin” (BARENCO; FRANCISCO JÚNIOR; SILUS, 2021, p. 12), “encarnada na relação entre o autor [...] e o herói [...]” (BARENCO DE MELLO; FRANCISCO JÚNIOR; SILUS, 2021, p. 13).

Os tradutores destacam, ainda, que a presente obra merece ser lida e discutida, embora pareça “[...] ser um texto abandonado por Bakhtin, é um esboço, mais do que um fragmento, e é um estudo de Bakhtin” (BARENCO DE MELLO; FRANCISCO JÚNIOR; SILUS, 2021, p. 27). Essa entonação nos convida à reflexão sobre o espaço de Bakhtin no contexto difícil de vivência de Nevel a Vitebsk, como já mencionamos anteriormente. Então, ter ou não ter os esboços originais em ótimo estado de conservação não era assim tão possível, ou mesmo se pensarmos sobre as condições (ou falta delas) para a publicação das obras de Bakhtin, como nos mostra a excelente pesquisa realizada por Stefania Sini³ (2014). Essa pesquisadora fez um levantamento de vinte anos e constituiu uma bibliografia organizada e comentada das publicações de Bakhtin, de 1995 a 2015, em língua russa, compreendendo também as publicações realizadas na Itália, como, por exemplo, a coletânea intitulada *Opere 1919-1930* (BACHTIN E IL SUO CIRCOLO, 2014), organizada pelo professor Augusto Ponzio com a colaboração de Luciano Ponzio, em relação à tradução a partir da língua russa.

No Volume 1 (publicado na Rússia em 2003), os editores das obras completas de Bakhtin informaram que o autógrafo (manuscrito original da obra de Bakhtin) de *K filosofii postupka* (*Para uma filosofia do ato responsável*, 2014b

³ Esse belíssimo trabalho de Stefania Sini, publicado em 2014, tem como título “Venti anni di studi di Michail Bachtin in lingua russa: repertorio bibliografico ragionato e commentato (1995-2015)” e foi realizado com a colaboração de Elizabeta Illarionova, além de contar e envolver muitos especialistas como afirma a própria Stefania Sini (2014).

[1920-1924], como o da obra *Avtor i geroj (O autor e o herói, 2014a [1920-1924]*, foi encontrado junto com outros papéis transferidos de Saransk a Moscou, por ordem de Bakhtin, em dezembro de 1971. E como estariam esses originais na década de 1970, quase cinquenta anos depois de serem escritos? A resposta vem por meio das notas e dos comentários expostos nesse Volume 1 (das obras completas), em que Sini (2014) destaca o testemunho de Serguei Botcharov, quando fala que Bakhtin, à época morando em Peredelkino (e membro da União de Escritores⁴), "inicialmente nem parecia interessado em olhar esses papéis, mas 'quando ouviu a descrição dos manuscritos e sua aparência, [...] (precisamente *Para uma filosofia do ato responsável e O autor e o herói*), 'ficou surpreso que eles ainda estavam inteiros'", declarando na sequência que se tratava de sua "antropologia filosófica"¹ (SINI, 2014, p. 272, tradução nossa).

Diante desse testemunho, presente na pesquisa de Sini (2014), e das notas e comentários dos editores das obras reunidas de Bakhtin, tomamos conhecimento de que os textos das duas grandes obras filosóficas *Para uma filosofia do ato* e *O autor e o herói* foram descritos como textos incompletos, característica notada também pelos tradutores do ensaio/fragmento em epígrafe e por nós, leitores, que visualizamos a estrutura inicial do texto com o uso de reticências entre símbolos "<...>" e, durante a leitura do texto, observando os símbolos de lacunas e de estrutura ilegível do texto.

De posse dessas informações, podemos aferir que a não conclusão dos primeiros esboços de Bakhtin, ou pelo desaparecimento ou pela não preservação dos primeiros escritos, não impediu nossa contemplação, nem nosso estudo acerca da base da atividade filosófica de Bakhtin, o projeto ou proposição de uma filosofia moral e estética, ou como ele disse: de sua "antropologia filosófica". Por conta disso, ressaltamos o trabalho relevante de traduções e compilação dos textos bakhtinianos, a exemplo do trabalho de Sini (2014)

e a tradução da obra *Lendo Razlúka de Púchkin: a voz do outro na poesia lírica*, em que os tradutores – "abraçados" ao filósofo Augusto Ponzio (como nos afirmam ao final da "Introdução"), um dos grandes mestres de nosso tempo, especialista em Bakhtin e em outros pensadores – realizam uma pesquisa notável.

No todo arquitetônico da criação de *Lendo Razlúka de Púchkin: a voz do outro na poesia lírica*, o conjunto desses trabalhos de paratextos apresentam, portanto, ideias, pensamentos e informações diversas que abrem espaço para o deleite do leitor; e, sem dúvida, as lacunas e imprecisões que também compõem a escrita bakhtiniana serão confiadas e legadas à compreensão respondente e responsiva do leitor. E, finalizando o livro, os organizadores/tradutores apresentam o poema *Razlúka (Separação)* em três versões (já mencionadas anteriormente), as quais se traduzem também como novas e outras possibilidades de abertura ao diálogo, a novas construções de sentido.

Trata-se, portanto, de uma obra que se configura como inédita em língua portuguesa (como afirmam os tradutores), que dá ao leitor uma nova possibilidade de ampliação dos "horizontes" acerca de arquitetônica do pensamento bakhtiniano, a qual se manteve como raiz e essência nos desdobramentos das pesquisas posteriores. Entendemos, também, ser uma nova obra bakhtiniana, com novas perspectivas (um ponto de vista inédito sob os escritos iniciais, do esboço para a sua proposição filosófica) que nos permitem aprender e entrever as ideias de Bakhtin (em particular, do jovem Bakhtin, dos tempos de Nevel e Vitebsk).

Essa nova obra consubstancia-se como importante manancial para robustecer as discussões engendradas no âmbito dos estudos literários e linguísticos, de modo a enriquecer o estudo dos gêneros, tanto os da esfera da arte quanto os da esfera da vida, uma vez que estão inscritos em *Lendo Razlúka de Púchkin* os princípios basilares da "antropologia filosófica",

⁴ Ver em Clark e Holquist (2008), especificamente, o capítulo 15 "De Saransk a Moscou: 1945-1975".

da arquitetônica, da relação entre o autor e o herói (subdividida didaticamente nos escritos posteriores de Bakhtin como: arquitetônica do autor, arquitetônica do herói e arquitetônica do leitor), das discussões sobre o conceito de entonação ou expressão estética, sobre o espaço e o tempo que convergem ao desenvolvimento do conceito de exotopia e de cronótopo, seja ele cronótopo cotidiano (biográfico, da esfera da vida), seja ele o cronótopo artístico (ou literário, da esfera da arte). E, mais ainda, podemos afirmar que esse todo arquitetônico bakhtiniano, inscrito nesse ensaio/fragmento, prima pelo princípio do dialogismo, pela voz outra na enunciação, pela alteridade, pela projeção e projeção do "outro" como centro de valor do todo estético e seus pontos de vista em desdobramentos: "eu-para-mim", "o outro-para-mim" e "o eu-para-o-outro" (BAKHTIN, 2010 [1920-1924; 1986], p. 114).

Em suma, "fica sempre um pouco de perfume/nas mãos que oferecem rosas/nas mãos que sabem ser generosas" (VILLELA, 2021) e fica, ao leitor atento e estudioso, um pouco do perfume dessa teoria que prima pela alteridade, pelo outro, por meio das palavras-chave ou esboço das ideias principais de Bakhtin, que aqui apresentamos (bem como de outras ainda a serem valoradas pelo leitor no contato com tão belo ensaio/fragmento e a obra em sua totalidade). Trata-se, efetivamente, de uma obra que nos oferece um novo prisma para que possamos ver o autor Bakhtin, tanto no seu contexto biográfico – autor pessoa – quanto no seu contexto filosófico – autor criador –, na construção de seu pensamento, mesmo diante das adversidades de sua própria vida, colocando-se em experimentação e na vivência em ato ético e responsável, do qual não teve escapatória, e do qual, também nós, leitores, não temos escapatória.

References

BACHTIN E IL SUO CIRCOLO. *Opere 1919-1930*. A cura di Augusto Ponzio, con la collaborazione di Luciano Ponzio per la traduzione dal russo. Milano: Bompiani, 2014.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. K filosofii postupka [Per una filosofia dell'atto] [1920-1924]. In: BACHTIN, Michail M. E IL SUO CIRCOLO. *Opere 1919-1930*. Milano: Bompiani, 2014b. p. 32-167.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Para uma filosofia do ato responsável*. Organizado por Augusto Ponzio. Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE/UFSCar. Tradução de Valdemir Miotello, Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920-1924].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. "Avtor i geroj v esteticeskoj dejatel'nosti" [L'autore e l'eroe nell'attività estetica] [1920-1924]. In: BACHTIN, Michail M. E IL SUO CIRCOLO. *Opere 1919-1930*. Milano: Bompiani, 2014a. p. 169-213.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *O autor e a personagem*. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979]. p. 3-20.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. 2011 [1979]. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Viktor Duvakin*. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012 [1996].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Apresentação de Beth Brait. Organização e notas da edição russa de Serguei Botcharov, Liudmila Gogotichvíli. São Paulo: Editora 34, 2013 [1942-1945; 1994; 1997].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Sobranie sočinenij v 7 tomach [Obras reunidas em 7 volumes]*. Moscou: Russkie Slovári, 1997-2012. 6 v. em 7.

BARENCO DE MELLO, Marisol; FRANCISCO JÚNIOR, Mario Ramos; SILUS, Alan. Introdução. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Lendo Razlúka de Púchkin: a voz do outro na poesia lírica*. Organização, tradução, ensaio e notas de Marisol Barenco de Mello, Mario Ramos Francisco Júnior e Alan Silus. Prefácio de Augusto Ponzio. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021 [1920-1924]. p. 11-34.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DUBROVSKAYA, Svetlana; OSOVSKY, Oleg. Edições com dedicatórias do acervo "Biblioteca pessoal de M. M. Bakhtin". Biblioteca Nacional Pushkin da República da Mordóvia. Catálogo / org. N. N. Ziemkóva; ed. O. A. Páltina. Saransk, 2018. Resenha traduzida por Maria Glushkova. *Revista Bakhtiniana*, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 157-167, out./dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/51261/37952>. Acesso em: 5 jan. 2022.

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Coordenação de tradução de Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2009.

PONZIO, Augusto. Il dialogo com l'altro, "il mio eroe", in Michail Bachtin. [O diálogo com o outro, "o meu herói", em Mikhail Bakhtin]. *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), p. s15-s22, dez. 2015.

PONZIO, Augusto. Mikhail Bakhtin à escuta da voz do outro, até mesmo no gênero lírico. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. [1920-1924]. *Lendo Razlúka de Púchkin: a voz do outro na poesia lírica*. Organização, tradução, ensaio e notas de Marisol Barenco de Mello, Mario Ramos Francisco Júnior e Alan Silus. Prefácio de Augusto Ponzio. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 7-10.

SINI, Stefania. Venti anni di studi di Michail Bachtin in lingua russa: repertorio bibliografico ragionato e commentato (1995-2015). *Revista Moderna Semestrare di teoria e critica della letteratura*, XVI, v. 1 e 2. Pisa – Roma: Fabrizio Serra Editore, 2014. p. 215-421.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926].

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

Neiva de Souza Boeno

Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá, MT, Brasil, com Estágio de Doutorado realizado na Università del Salento (UNISALENTO), em Lecce, Itália, e na Università degli Studi di Bari (UNIBA), em Bari, Itália. Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá, MT, Brasil. Professora da rede pública estadual de Mato Grosso e da rede pública municipal de Cuiabá, MT, Brasil.

Endereço para correspondência:

Neiva de Souza Boeno
Escola Estadual Souza Bandeira
Av. Fernando Corrêa da Costa, 241
Bairro Coxipó da Ponte, 78070-210
Cuiabá, MT, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.